

LETRAMENTO(S) E O PROCESSO DE ALFABETIZAR LETRANDO: CONCEPÇÕES DE GESTORES E PROFESSORES DO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO

Maria Eurácia Barreto de Andrade (Autora); Irlana Jane Menas da Silva (Co-autora)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: nateandrade@bol.com.br; Universidade Estadual de Ferira de Santana (UEFS). E-mail: irlanamenas@hotmail.com

Resumo: Esta pesquisa objetiva compreender como se configuram as concepções da alfabetização, do letramento e dos processos de alfabetizar letrando dos gestores, coordenadores e professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola inserida no contexto do campo, a fim de relacionar com os encaminhamentos metodológicos materializados na prática pedagógica em sala de aula. A pesquisa tomou como referência empírica dois diretores escolares, dois coordenadores pedagógicos e dois professores do ciclo da alfabetização, pertencentes a uma comunidade de classe popular situada no contexto do campo. Para tanto, a metodologia utilizada foi à observação participante no ambiente escolar, a realização de entrevistas semiestruturadas, além da análise das atividades contidas nos cadernos dos estudantes. As referências básicas que respaldaram a pesquisa foram principalmente Andrade (2011), Ferreiro (2001 e 2004), Freire (1988 e 1983), Soares (2000; 2003 e 2004), Rojo (2009). Os resultados apontaram que as concepções dos sujeitos são influenciadas pelas experiências vividas e tais concepções são refletidas na prática, pois a leitura e a escrita são pautadas pela decifração dos símbolos linguísticos, com predomínio do método sintético. Verificou-se que o trabalho organizado em função do alfabetizar letrando, acontece de forma bastante tímida o que foi comprovado tanto pelas narrativas dos gestores, quanto pelos próprios discursos dos professores, havendo uma predominância do uso descontextualizado da leitura e da escrita e só em alguns momentos pontuais observou-se uma prática mais articulada com a realidade social dos sujeitos.

Palavras-chave: Letramento(s), Alfabetização, Alfabetizar letrando, Práticas Pedagógicas.

Introdução

Os estudos sobre alfabetização e letramento vêm ganhando força e interesse por parte dos professores e pesquisadores da área nos últimos anos, principalmente por representar um amplo debate no âmbito das diversas áreas do conhecimento. As discussões mais comuns centram-se nos fatores que interferem o processo de aprendizagem e uso social da leitura e da escrita no cotidiano da sala de aula, porém, ainda faltam muitas pesquisas com foco na influência da família e da comunidade no processo de aquisição e apropriação do ler e do escrever.

Estudar o letramento, levando em consideração o contexto sociocultural dos sujeitos envolvidos no processo, torna-se necessário, principalmente, pelas inúmeras mudanças ocorridas na sociedade atual, reflexo dos grandes avanços tecnológicos, informacionais e profissionais, que interferem de forma grandiosa, nas relações familiares, necessitando de atenção especial para que se possa olhar cuidadosamente a vida dos estudantes em um

contexto mais amplo que transcenda os limites da sala de aula.

Este debate deve ser amplamente aquecido com muitos estudos e pesquisas que busquem contribuir para a compreensão do processo de alfabetização e letramento, ou seja, a aprendizagem e uso efetivo da leitura e da escrita nas mais diversas situações comunicativas, pois muitos problemas da educação brasileira iniciam no primeiro ciclo do Ensino Fundamental que, infelizmente, não vem alcançando o objetivo básico que é iniciar e consolidar o processo de apropriação e uso social da língua.

Portanto, esta pesquisa busca compreender como se configuram as concepções da alfabetização, do letramento e dos processos de alfabetizar letrando dos gestores, coordenadores e professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escolar inserida no contexto do campo, a fim de relacionar com os encaminhamentos metodológicos materializados na prática pedagógica em sala de aula.

Letramento(s): uma concepção plural

Rojo (2009) e Street (2006) apresentam e embasam as discussões sobre os letramentos múltiplos ao defenderem que há uma variação considerável do termo de acordo aos momentos históricos e as diferentes culturas. Para Rojo (2009, p. 99), “[...] práticas tão diferentes, em contextos tão diferenciados, são vistas como letramento, embora diferentemente valorizadas e designando a seus participantes poderes também diversos”.

Nessa compreensão apresenta uma ampla contribuição do termo por apresentar conceitualmente as variadas formas de uso social da leitura e da escrita, tanto no que se refere à cultura escolar, quanto à popular. Apesar da grande discussão apresentada, a autora revela que o termo letramentos múltiplos representa ainda uma gama de complexidade e ambiguidade por envolver, além de outros fatores, “[...] a multiplicidade de práticas de letramento que circulam em diferentes esferas da sociedade e a multiplicidade, isto é, o fato de que diferentes culturas locais vivem essas práticas de maneira diferente” (ROJO, 2009, p. 108-109).

As discussões apresentadas por Rojo (2009) revelam que a sociedade passou e passa por profundas mudanças com a explosão da globalização, gerando novas formas de comunicação e, como consequência, novas práticas de letramento são cada vez mais solicitadas. Dessa forma, a autora convida as escolas a trabalharem e valorizarem os letramentos múltiplos, a fim de preparar os sujeitos imersos no contexto escolar para atuarem nas “[...] várias práticas sociais

que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática” (ROJO, 2009, p. 107).

O trabalho com os letramentos múltiplos, portanto, propõe não “[...] ignorar ou apagar os letramentos das culturas locais de seus agentes (professores, alunos, comunidade escolar) e colocando-os em contato com os letramentos valorizados, universais e institucionais” (ROJO, 2009, p. 107). As práticas e eventos de leitura e escrita presentes e exercidas na sociedade devem ser valorizadas pela escola de modo que as demandas socioculturais possam nortear o trabalho pedagógico.

Os letramentos múltiplos contemplam as diversas práticas sociais de leitura e escrita, e suas novas formas de usos exigidos na contemporaneidade, tanto no âmbito local quanto global, sejam elas valorizadas ou não (ROJO, 2009). Assim, busca ancorar as práticas mais diversificadas de leitura e da escrita presentes na sociedade, envolvendo para além “[...] da questão da multisssemiose¹ ou multimodalidade das mídias digitais [...]” (ROJO, 2009, p. 108).

Soares (2004) faz uma distinção bastante relevante, pautada na discussão de Street (1984), quando apresenta uma versão fraca e uma versão forte do conceito de letramento. Para a autora, a primeira versão está muito próxima ao modelo autônomo de letramento que, segundo Rojo (2009) está na raiz do conceito de alfabetismo funcional. A segunda versão, a qual se aproxima do modelo ideológico de letramento e da concepção de alfabetização, defendida por Paulo Freire, é considerada como uma visão revolucionária e, segundo Rojo (2009), contempla os múltiplos letramentos em todas as suas dimensões.

Metodologia

A abordagem metodológica está ancorada na pesquisa qualitativa, tendo como instrumentos de recolha de dados a observação participante e a realização de entrevistas semiestruturadas. Os sujeitos empíricos foram duas professoras do terceiro ano, duas gestoras e dois coordenadores.

A fim de fortalecer os elementos da pesquisa, a sistematização, tratamento, discussão e interpretação dos dados foi realizado meio de um cuidadoso processo. As abordagens apresentadas representam, portanto, a descrição e análise das mensagens extraídas no campo investigado, as quais estão carregadas de significados e sentidos, por estarem diretamente

¹ Os letramentos multisssemióticos são destacados por Rojo (2009, p. 107) como letramentos “[...] exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita”.

relacionadas ao contexto histórico, social, político, econômico e cultural em que foram produzidas (BARDIN, 1977, FRANCO, 2005 e BAKHTIN, 1988).

Pela complexidade que permeia o processo de pesquisa qualitativa, todo o conteúdo foi analisado levando em consideração as condições que estão inseridas no contexto, através de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem (Franco, 2005), assim como, buscando garantir a imparcialidade objetiva, socorrendo-se também da quantificação dos dados (Chizzotti, 2011), para conferir validade e confiabilidade na pesquisa (Bardin, 1977).

Resultados e Discussões

Os dados recolhidos no campo empírico foram sistematizados no quadro 1 a seguir os quais seguem com uma breve análise e discussão, entrelaçadas as teorias priorizadas nesta pesquisa. No que diz respeito às concepções de letramento e alfabetizar letrando o quadro assim se configura:

Quadro 1: Concepções sobre letramento e o processo de alfabetizar letrando

SUJEITOS DA PESQUISA	CONCEPÇÕES SOBRE LETRAMENTO	CONCEPÇÕES SOBRE ALFABETIZAR LETRANDO
GESTOR 1	É saber ler, escrever e interpretar. É mais do que alfabetização [...] Eu não sei onde foi que eu li essa frase “nem todo alfabetizado é letrado”. [...] Assim, [...] nem todo aluno que é alfabetizado consegue ler um texto e interpretar [...].	É a alfabetização e o letramento juntos [...]. É alfabetizar o aluno (conhecer as letras, juntar, escrever as palavras [...]), mas não só ensinar a ler e escrever, mas entender o que leu, interpretar [...] os dois tem que andar de mãos dadas.
GESTOR 2	É trabalhar assim [...] com textos, ensinando como a criança pode fazer uso do texto completo, dos mais diversos possíveis. [...] É ensinar a criança pra vida.	É trabalhar vários tipos de textos, leituras, de modo que a criança se alfabetize e ao mesmo tempo conheça a função de cada um.

COORDENADOR 1	É trabalhar a leitura e a escrita tanto no social quanto no cultural.	É um processo pelo qual a criança começa a ter acesso a aquisição dos conhecimentos e saberes da grafia nas mais diversas situações de uso social.
COORDENADOR 2	Desenvolver a leitura e a escrita, tornando a criança capaz de ler e escrever no sentido amplo, ou seja, usar, socialmente, essa leitura e escrita.	É uma metodologia que propõe a criança a aquisição da grafia de modo sistemático onde ela se apropria dos diferentes tipos de leitura e gêneros textuais.
PROFESSORA 1	Letramento é igual a currículo. [...] É a criança aprender a interagir com o mundo, [...] saber chegar e sair em qualquer lugar, é mais do que saber ler e escrever, mas entender e participar de tudo que a sociedade exige hoje [...] e tudo hoje depende não só de ler, mas de entender, interpretar [...] é a leitura de mundo [...].	É muito mais do que ensinar o alfabeto, a juntar os pedaços pra formar palavra [...] muda muito da forma como a gente ensinava antes. É fazer com que eles aprendam não só codificar e decodificar, mas compreender e usar essa leitura e escrita em muitas situações. [...] É ter uma mente aberta para a nova sociedade.
PROFESSORA 2	Não ficou claro pra mim ainda o que é letramento [...] mas acho que é ensinar pra vida, pro mundo.	É começar de onde deve ser. [...] do início mesmo, letra por letra, família silábica.

Fonte: Dados obtidos na pesquisa de campo

A concepção de letramento da quase totalidade dos sujeitos pesquisados enfoca uma visão ampla do termo. A narrativa da professora 1, revela tal afirmação ao compreender o letramento também como a “leitura de mundo”, ou seja, concebe-o enquanto uma concepção que transcende a leitura da palavra. Traz, portanto, um dos maiores legados do grande mestre Paulo Freire para representar tal concepção, pois, apesar de não ter discutido sobre o termo letramento, revela na essência das suas ideias os aspectos culturais e sociais do processo de construção da leitura e da escrita, criando uma nova concepção para a alfabetização que, no plano conceitual, contempla as discussões acerca do letramento defendidas nos dias atuais.

O letramento compreendido enquanto leitura de mundo implica em valorizar o sujeito como ser letrado, como ser de cultura e amarrado de relações, apreendidas na vivência cotidiana das

múltiplas práticas sociais. Para melhor ilustrar esta definição Harris e Hodges (1999, p. 163) revelam no dicionário de alfabetização que a leitura de mundo pode ser caracterizada como “[...] uma ampliação do conceito de lectoescrita funcional²³”, um termo cunhado por Ferreiro (2001) que contempla o letramento, por apresentar uma concepção que envolve muito mais que as habilidades de leitura e de escrita, mas também os seus múltiplos usos e funções.

A alfabetização é compreendida pela autora como termo que está para além do processo de aquisição do sistema escrito, ou seja, apesar de não discutir sobre o letramento - por compreender que não há necessidade de um novo termo quando se compreende a alfabetização de forma ampla e no seu sentido pleno - traz a discussão de lectoescrita que envolve diretamente o seu significado.

Assim como Ferreiro e Teberosky (1999), Freire nas suas obras também não discutiu o termo, mas deixou sua marca decisiva na história da alfabetização trazendo a discussão da “leitura de mundo” que está intimamente relacionada ao sentido do letramento. Ambos deixaram, conforme Andrade (2011) um grande legado para a alfabetização por compreendê-la no seu sentido amplo, vivo e diretamente associado ao uso e contexto social.

De acordo a esta discussão, vale destacar a fala de Soares (2004a) que apresenta uma breve explicação da não adoção do termo letramento por alguns teóricos, mas continua defendendo a necessidade desta distinção no plano pedagógico, pois apesar de inseparáveis, são processos distintos.

[...] provavelmente devido ao fato de o conceito de letramento ter sua origem em uma ampliação do conceito de alfabetização, esses dois processos tem sido frequentemente confundidos e até mesmo fundidos. Pode-se admitir que no plano conceitual, talvez a distinção entre alfabetização e letramento não fosse necessária, bastando que ressignificasse o conceito de alfabetização [...] no plano pedagógico, porém, a distinção torna-se conveniente que, ainda que distintos, os dois processos sejam reconhecidos como indissociáveis e interdependentes (SOARES, 2004a, p.20).

Andrade (2011a) defende a grande contribuição do legado de Freire para as discussões sobre o letramento, por apresentar uma discussão de alfabetização, que ultrapassa o processo de aquisição da língua escrita, implicando em uma visão de politização, criticidade, cultura, dialogicidade, e empoderamento dos sujeitos.

Quando a professora 1 concebe o letramento enquanto “leitura de mundo”, implica que a leitura pode ser feita mesmo pelos sujeitos não escolarizados, que não dominam a tecnologia

² A lectoescrita funcional é entendida como “o conhecimento e habilidades de leitura e escrita que permitem à pessoa engajar-se em todas aquelas atividades nas quais a lectoescrita é normalmente tida como certa dentro de sua cultura ou grupo” (GRAY, 1956 *apud* HARRIS; HODGES, 1999 p. 157).

do ler e do escrever. Tal posicionamento, corrobora com a concepção de Soares (2003, 2003a, 2004), Ferreiro (1999, 2001, 2004) Marcuschi (2004) e do próprio Freire (1983) que revela: “[...] não há homem absolutamente inculto: o homem ‘humaniza-se’ expressando, dizendo o seu mundo. Aí começa a história e a cultura letrada”.(FREIRE,1988, p.13).

Contrariando a discussão defendida, o gestor 1 revela uma não compreensão efetiva do termo letramento ao declarar “Eu não sei onde foi que eu li essa frase ‘nem todo alfabetizado é letrado’”. Para o referido gestor, não basta apenas estar alfabetizado, dominar a tecnologia da escrita e não saber interpretar, entender o que leu. Essa concepção é consenso entre os pesquisadores, porém, é consenso também que os sujeitos que não sabem ler nem escrever se envolvem cotidianamente em práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, possuem algum grau de letramento mesmo analfabetos (GOULART, 2002, 2010; KLEIMAN, 1995, 2006; SOARES, 2000, 2003, 2003a; TFOUNI, 2005).

Não existe, na nossa sociedade, onde a escrita se torna cada vez mais complexa e presente, alguém que não possua algum nível ou grau de letramento, justamente, porque em todos os ambientes sociais, os sujeitos se deparam com práticas da leitura e escrita que exigem uma participação ativa.

Neste sentido, não existem sujeitos iletrados, existe sim, analfabetos, por não ter autonomia para ler e escrever, mas este possui algum nível de letramento, pois há diferentes níveis e estes vão depender das possibilidades de acesso e envolvimento em práticas sociais de leitura e escrita. É exatamente por isso que a escola tem o papel fundamental de ampliar as experiências de letramento dos sujeitos que estão inseridos. Sobre tal discussão, Descardecí (2000) defende que mesmo uma pessoa sendo considerada analfabeta pode fazer uso de situação de comunicação social, como por exemplo, ditar uma carta para alguém escrever, reconhecer avisos, placas etc. Isso mostra que o conceito de letramento está para além do domínio da leitura e da escrita.

Neste sentido, apesar de não existir, nas sociedades grafocêntricas, sujeitos com grau zero de letramento – devido à exposição constante de materiais impressos – são expostos, principalmente, à linguagem escrita, necessitando da apropriação da leitura e escrita para transitar entre as práticas discursivas nos diferentes gêneros textuais, para que assim o sujeito adquira um alto nível de letramento.

Analisando as concepções dos sujeitos, observa-se que compreendem o letramento enquanto envolvimento em práticas sociais de leitura e escrita e isso pode se dá mesmo sem o sujeito ter frequentado os bancos escolares. Este

conceito está diretamente ligado à concepção defendida por Marcuschi:

[...] letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento, não apenas aquele que faz uso formal da leitura e da escrita. Portanto, o letramento é um processo que circunda a sociedade independentemente da escolarização formal, podendo assim, uma pessoa não ser alfabetizada e ser letrada (MARCUSCHI, 2001a, p. 25).

Neste sentido, para se envolver nas práticas sociais de leitura e escrita, o sujeito precisa necessariamente utilizar-se do conhecimento do sistema de escrita em seu cotidiano e em suas relações sociais e não apenas saber ler e escrever. Soares (2004) reafirma a compreensão de Marcuschi (2001), assim como a de Kato (1986) ao revelar que para ser letrado “Não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e escrever, saber responder as exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente” (SOARES, 2004, p. 20). Para melhor ilustrar a discussão, Descardecí (2000, p. 63) legitima as concepções defendidas por Soares (2004) e Marcuschi (2001) ao mencionar que “[...] tornar-se letrado é um processo no qual o indivíduo se engaja, mais ou menos, de acordo com o seu papel, seus interesses e suas necessidades na sociedade em que se vive”.

Este conceito revela a importância das práticas e dos eventos de letramento, entendido por Barton e Hamilton (2000 apud MARCUSCHI, 2001, p. 37) como “[...] atividades que tem textos envolvidos para serem lidos ou para falar sobre eles, por exemplo, uma carta pessoal é um evento de letramento, e sua leitura é uma prática”. Desta forma é defendido pelo autor o alfabetizar letrando, ou seja, a alfabetização atrelada ao contexto social do sujeito para que possa fazer uso competente de práticas de leitura nos mais diferentes eventos de letramento apresentados no cotidiano social.

Os demais sujeitos investigados também apresentam conceitos bem semelhantes ao discutido. Para elas, letramento vai além da capacidade de ler e escrever envolve, portanto,

“[...] fazer uso do texto completo, dos mais diversos possíveis” (gestor 2), “leitura e a escrita tanto no social quanto no cultural” (Coordenador 1), “[...] usar socialmente essa leitura e escrita” (Coordenador 2), “[...] interagir com o mundo [...]” (Professor 1), “[...] é ensinar pra vida, pro mundo” (Professor 2).

Para os sujeitos da pesquisa, o letramento envolve o uso efetivo e consciente da leitura e da escrita nas práticas sociais. Comungando desta concepção Descardecí (2000, p. 55) contribui revelando:

[...] o conceito de letramento amplia o de alfabetização, quando reconhece que o indivíduo letrado desenvolve práticas de leitura e de oralidade que nem sempre são reconhecidas pela escola, embora válidas para lidar com as demandas sociais de

comunicação tais como: ler uma conta de luz, assinar o seu próprio nome e participar de organizações sociais, associações comunitárias e outros tipos de organizações (DESCARDECI, 2000, p. 55).

Percebe-se, nesta definição, uma aproximação do que foi revelado pelos sujeitos investigados, principalmente quando defendem ser o letramento uma interação com o mundo, em suas diversas práticas sociais, em que leitura e escrita estão presentes. Corroborando com a concepção de Descardecí (2000) e outros autores aqui destacados, Monteiro e Baptista (2009, p. 30) trazem uma grande contribuição ao conceber o letramento:

[...] o exercício efetivo e competente da escrita e implica habilidades, tais como a capacidade de ler e escrever para informar ou informar-se, para interagir, para ampliar conhecimentos, capacidade de interpretar e produzir diferentes tipos de texto, de inserir-se efetivamente no mundo da escrita entre muitas outras.

Depois dessa discussão, considera-se importante abordar, ainda, algumas concepções sobre o letramento para uma melhor análise e comparação dos depoimentos dos sujeitos empíricos.

Contemplando a concepção de letramento apresentada pelo coordenador 1 que compreende-o enquanto trabalho de “[...] leitura e a escrita tanto no social quanto no cultural”, Marcuschi (2001, p. 22) contribui ao conceber o letramento como “[...] um processo de aprendizagem social e histórico da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, [...] um conjunto de práticas”.

Soares (2004, p. 39) comunga com a discussão de Marcuschi (2002) ao compreender o letramento como “[...] o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita”. Enquanto Kleiman (1995, p. 19), respaldada nos estudos de Scribner e Cole defende que letramento é “[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Kleiman (1995, p. 181) afirma ainda compreender o letramento “[...] como as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita”.

Mortatti (2004, p. 105), grande pesquisadora do tema, concebe que “[...] letramento é, sobretudo, um conjunto de práticas sociais em que os indivíduos se envolvem de diferentes formas, de acordo com as demandas do contexto social e das habilidades e conhecimentos de que dispõem”. Contribuindo e concordando com a concepção de Mortatti (2004), Matencio (1994, p. 19) complementa a discussão ao reafirmar, “[...] o indivíduo letrado é aquele que apresenta um desenvolvimento da linguagem e do pensamento após o acesso às formas especializadas do texto escrito”.

Esta abordagem conceitual sobre o termo aqui destacada evidencia que o letramento envolve um conjunto de práticas sociais de leitura e de escrita. Portanto, diante destas visões abordadas é preciso reconhecer que, conforme Andrade (2011) as concepções dos sujeitos empíricos estão interligados, mesmo que suponha, em alguns, objetos diferentes. Legitimando a discussão, Soares (2004, p. 24) revela que:

[...] um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado. Assim, um adulto pode ser analfabeto porque foi marginalizado social e economicamente, mas se vive em um meio em que a leitura e a escrita tem presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva, se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita e envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

De acordo a autora o sujeito letrado é aquele que usa e pratica socialmente a leitura e a escrita bem como responde adequadamente a estas demandas no seu contexto. Sobre o conceito específico do termo letramento, Soares (2004, p. 44) afirma:

É o estado ou condição de quem interage com os diferentes portadores de leitura e escrita com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura desempenha em nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita.

Após estas reflexões em torno dos conceitos de letramento percebe-se uma estreita relação destes com as concepções das professoras investigadas, revelando que há certa familiaridade com o termo, apesar de a professora 2 revelar que “Não ficou claro pra mim ainda o que é letramento [...] mas acho que é ensinar pra vida, pro mundo”. Com relação ao alfabetizar letrando os sujeitos empíricos entrevistados demonstraram um conhecimento amplo sobre esse processo, com exceção do professor 2 que revelou “É começar de onde deve ser, [...] do início mesmo, letra por letra, família silábica”. Percebe-se diante da resposta, que o professor 2 ainda não compreendeu a intenção do processo de alfabetizar na perspectiva do letramento, pois apresentou na sua resposta uma visão sintética de alfabetização, ao sugerir um trabalho que parte das unidades menores até chegar as maiores, sem relacionar ao contexto social e as diversas práticas sociais de leitura e escrita. Para este professor, o alfabetizar letrando se resume ao processo limitado de codificar e decodificar a partir do simples, sem significado para a criança. Considera, portanto, como um processo de transmissão e não de construção de sentido, negando, entretanto, as práticas e eventos sociais de leitura e escrita.

Os demais sujeitos revelaram que o processo de alfabetizar letrando nada mais é que “a alfabetização e o letramento juntos” (Gestor 1); “trabalhar vários tipos de textos, [...] de modo que a criança se alfabetize e, ao mesmo tempo, conheça a função de cada um” (Gestor 2); “[...] aquisição dos conhecimentos e saberes da grafia nas mais diversas situações de uso social” (Coordenador 1); “[...] aquisição da grafia de modo sistemático onde ela [a criança] se apropria dos diferentes tipos de leitura e gêneros textuais” (Coordenador 2); e “[...] aprender não só codificar e decodificar, mas compreender e usar essa leitura e escrita em muitas situações [...]” (Professor 1). É claro que o processo de alfabetizar letrando propõe uma prática viva e com significado para os estudantes, um fazer pedagógico norteado pelas práticas de leitura e escrita que circulam no meio social e, conseqüentemente, esse trabalho proporcionará um encontro prazeroso do estudante com o texto, ou seja, com o universo da leitura e da escrita.

As concepções dos sujeitos se encaminham para um entendimento real do que é de fato o processo de alfabetizar letrando, pois cabe ao professor trabalhar a alfabetização e propiciar o letramento o qual é destacado nos Parâmetros Curriculares Nacionais como:

[...] produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas (BRASIL, 1997, p. 23).

Convergindo com a discussão apresentada, Andrade (2011) revela que o processo de alfabetizar e letrar deve ocorrer de forma simultânea, pois como defende Soares (2004), é um grande equívoco dissociar alfabetização de letramento, porque o ingresso do sujeito na escrita ocorre tanto pela aquisição do sistema convencional de escrita - a alfabetização -, quanto pelo desenvolvimento de habilidades de uso social desse sistema de escrita - o letramento. Para a autora, a distinção conceitual é necessária, porém, a sua indissociabilidade deve ser defendida, uma vez que a alfabetização só tem sentido no contexto do letramento. Para melhor ilustrar, a autora revela:

[...] é necessário reconhecer que alfabetização [...] distingue-se de letramento [...] tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e lingüísticos [sic] de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. [...] Por outro lado, também é necessário reconhecer que embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de

escrita por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita (SOARES, 2004a, p.20)

De acordo com as narrativas dos sujeitos, a quase totalidade apresenta uma concepção que pode ser considerada aceita considerando as discussões teóricas estudadas, apenas a professora 2 apresentou uma visão que nega a proposta de alfabetizar letrando aqui discutida.

Estas declarações agregam as concepções dos sujeitos em dois pontos básicos: atividades ligadas ao cotidiano que despertem o interesse dos estudantes e o contato com diversos tipos de textos. Demonstração de que, apesar de a grande maioria dos entrevistados terem uma noção ampla do termo letramento, ainda não sabem como o processo de alfabetizar letrando pode se efetivar e quais as atividades necessárias para isso; têm ideia simplória sobre a temática. Apesar de não ter uma visão errada, os sujeitos entrevistados não deixam claro como de fato podem realizar as atividades e como estas podem alfabetizar e letrar. Detectou-se esse fato no momento da entrevista, pois não conseguiram ampliar a discussão em torno das atividades que possam alfabetizar e também letrar os sujeitos.

Embora seja importante o professor dar acesso aos diversos tipos de texto na sua prática alfabetizadora, necessita-se também criar situações desafiadoras, como declara Soares (2004), para que possa trabalhar a aquisição do sistema de escrita e, conseqüentemente, o desenvolvimento das habilidades de uso da leitura e da escrita no meio social.

Precisam-se promover situações de atividades ligadas ao cotidiano e que despertem o interesse dos estudantes, bem como o contato constante com diversos gêneros textuais, além disso, não se pode esquecer da aprendizagem do sistema de escrita, pois privilegiar o envolvimento dos sujeitos com as diferentes funções da escrita sem favorecer a aquisição do sistema de escrita não se efetiva o alfabetizar letrando.

Na proposta de alfabetizar letrando, a língua deve entrar na escola da mesma forma que é organizada pela vida cotidiana, ou seja, através de práticas sociais de leitura e de escrita. A ideia central é formar sujeitos que saibam produzir e interpretar textos de uso social, que sejam veiculados livremente pelas várias situações comunicativas em busca de uma participação autônoma e livre no mundo letrado. A intenção é que as classes de alfabetização tornem-se um espaço de potencialização para alfabetizar e letrar.

Considerações

De acordo aos dados da pesquisa, apenas a professora 2 assume não ter clareza sobre o que é letramento, mas mesmo assim, aproxima-se do conceito. Com efeito, quando perguntado sobre sua concepção sobre o processo de alfabetizar letrando fica evidente seu desconhecimento e uma concepção limitada do processo, referindo-se a decodificação e codificação, pautada no método sintético. A função social da leitura e escrita, seus diversos usos e funções foi observado nos depoimentos dos sujeitos empíricos, a exceção do professor 2.

O estudo apontou duas tendências presentes nas falas dos sujeitos empíricos: a decodificação e a função social. O interessante é que ao demonstrarem, quase na totalidade dos sujeitos, a exceção da professora 2, o conhecimento do letramento, não se evidenciou sua relação com o processo da alfabetização, pautada apenas na decodificação da leitura e da escrita. A questão que fica sem resposta é a decodificação X contextualização da leitura e escrita em seus usos e funções.

Estas reflexões e análises possibilitaram verificar que as concepções dos sujeitos são influenciadas pelas experiências vividas e tais concepções são refletidas na prática, pois a leitura e a escrita são pautadas pela decifração dos símbolos linguísticos, com predomínio do método sintético. Verificou-se que o trabalho organizado em função do alfabetizar letrando, acontece de forma bastante tímida o que foi comprovado tanto pelas narrativas dos gestores, quanto pelos próprios discursos dos professores, havendo uma predominância do uso descontextualizado da leitura e da escrita e só em alguns momentos pontuais observou-se uma prática mais articulada com a realidade social dos sujeitos.

Referências

- ANDRADE, Maria Eurácia B. de. **Alfabetização e Letramento**: o desvelar de dois caminhos possíveis. Jundiaí: Paco, 2011.
- BAKTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1977.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local literacies**: reading and writing in one community. London: Routledge, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa, v. 2. Brasília, 1997.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências sociais e humanas**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DESCARDECI, M. A. A. S. O Incentivo Municipal à Alfabetização: Um Evento de Letramento na Comunidade. In: KLEIMAN, A. K. **Alfabetização e Formação de Professor: Alfabetização de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2005.

FERREIRO, E. Significado da escrita no mundo atual. **Revista Criança**. n.º 35, p. 3-9. Brasília: MEC, 2001.

_____. Uma reflexão sobre a língua oral e a aprendizagem da língua escrita. **Revista Pátio**, n.º 29. Porto Alegre, fev./abr. 2004.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

GOULART, Cecília M. Cultura escrita e escola: letrar alfabetizando. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (Orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 438 - 456.

_____. **Letramento e Polifonia**: um estudo de aspectos discursivos de alfabetização. *Revista Brasileira de Educação*, 18. , p. 5-21, Campinas: Autores Associados, dez. 2002.

HARRIS, T. L.; HODGES, R. E. (Org.). **Dicionário de Alfabetização**: vocabulário de leitura e escrita. Tradução Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

KATO, M. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org). **Os significados do letramento**: uma perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995. p. 15 – 61.

KLEIMAN, Angela B. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, Roxane (org.). **Alfabetização e Letramento**: perspectivas lingüísticas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006, p. 173 -204.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo, Cortez, 2001.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

_____. **Gêneros textuais**: o que são e como se escrevem. Recife: UFPE, 2000. Mimeo.

MATENCIO, M. de L. M. **Leitura, produção de textos e a escola**: reflexões sobre o processo de letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

MORTATTI, Maria do R. L. **Educação e Letramento**. São Paulo: Unesp, 2004.

ROJO, Roxane H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

STREET, Brian. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge: Cambridge University Press – CUP, 1984.

_____. **Perspectivas interculturais sobre letramento.** Filologia Linguística Portuguesa. n. 08, p. 465-488, São Paulo: Humanitas, 2006.

SOARES, Magda B. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Letramento e Escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001.** São Paulo: Global, 2003a, p. 89-113.

_____. **Letramento e Alfabetização:** as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, n° 25, jan/fev/mar/abr, 2004a.

_____. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. 17. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

TFOUNI, Leda. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Cortez, 2005.